



CANOA DO TEMPO

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS



DOI: <https://doi.org/10.38047/rct.v12.n02.2020>
MANAUS - V.12 - N°02 - 2020
INSS 2594-8148



CANOA DO TEMPO

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

DOSSIÊ O COMPLEXO MADEIRA: DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES SOBRE REGIÃO, FRONTEIRAS E DIVERSIDADES

ORGANIZADORES

Dr. Antônio Cláudio Barbosa Rabello
(UNIR)

Me. Fernando Roque Fernandes
(UNIR)

CAPA

Wenderson Lima

IMAGEM DA CAPA

Mateus Souza Rabello

APRESENTAÇÃO

PRESENTATION



Em tempos sombrios como o que estamos vivenciando e em meio a tantas perdas humanas que nos inundam de consternação, medos e incertezas, damos à luz mais um número de nossa *Canoa do Tempo*, empreendimento editorial que vem se consolidando dia a dia no seio da comunidade acadêmica voltada para a história e, em especial, para os temas Amazônicos.

Não tem sido um empreendimento dos mais fáceis. Como a imensa maioria dos periódicos científicos do país, o trabalho de editoração acadêmica tem sido feito entre nós em meio a carências de toda ordem, acrescidas da já tradicional falta de incentivos e aportes financeiros. Mesmo assim, não há porque recuar. Mais que nunca, o que nos cabe é avançar com convicção, na certeza de que, em meio ao obscurantismo anticientífico que grassa nas mídias e redes sociais deste país à deriva, publicar é resistir.

Felizmente, o aumento contínuo das submissões à revista demonstra não apenas sua consolidação como referência para o debate historiográfico qualificado, como também o vigor de uma comunidade científica que não tem se deixado abater neste contexto de crise pandêmica e isolamento social. Assim, enquanto novas mídias tentam ocupar o lugar dos encontros presenciais das academias num mar infinito de *lives*, os periódicos científicos presenciam uma expansão sequer imaginada uma década atrás. A mudança para uma publicação de artigos em fluxo contínuo, como a que nossa *Canoa do Tempo* incorporará a partir do próximo número, e que tem sido tendência entre as principais publicações de nossa área, dá bem a ideia de uma comunidade científica plenamente consciente de seus compromissos profissionais e sociais.

Outro ponto a salientar é o prazer de ver abrigado nas páginas deste número da revista um dossiê dedicado ao *Complexo Madeira*, a traduzir o desejo de debater numa perspectiva interdisciplinar as múltiplas questões que alcançam uma das muitas Amazôniaas – a do vale do Madeira –, frequentemente obscurecidas pelos estereótipos generalistas dos que pensam e falam de uma região percebida à distância, sem o calor dos corpos suados do sol abrasador que alcança povos indígenas, lavradores, ribeirinhos



e posseiros vindos do sul do país; sem a percepção da desolação dos que perderam a terra, expulsos pela soja ou pelo gado, que se alastra botando abaixo a floresta; ou dos que foram deslocados pelas represas que um desenvolvimentismo sem peias ou freios dinamizou, bloqueando os rios turbulentos que guardavam a histórias de povos ancestrais e de comunidades quilombolas. Sem a percepção da angústia dos que, derrotados, vivem hoje o flagelo da fome numa periferia de Humaitá ou Porto Velho.

Canoa do Tempo não é e nem deseja ser regionalista, assim como nunca advogou exclusivismos espaço-temporais. Por meio das contribuições que recebe, vindas de profissionais de várias localidades, abre-se continuamente à compreensão do mundo com a mesma convicção e interesse com que abriga temas que abordam realidades amazônicas. No entanto, é do meio dessa imensa região, tão complexa quanto incompreendida, que projeta sua voz, seu lugar de fala, para empregar uma terminologia que tem se tornado frequente entre nós, e é por isso que a Amazônia não pode lhe ser indiferente.

Pensar a Amazônia de dentro, traduzi-la ao mundo pelas informações iluminadas pela pesquisa científica tocada com afinco ao longo de meses e até de anos, traduz-se numa responsabilidade grandiosa para os editores e organizadores deste número; mais ainda quando se quer também traduzi-la em sentimentos. Sentimentos encarnados nas agruras das vivências populares, nas feridas ainda abertas nas lutas diárias pela sobrevivência, mas também e sobretudo nas muitas histórias ribeirinhas de resistências, de vitórias e de superação. Que esta seja nossa inspiração e nossa bandeira.

Boa leitura!

Prof. Dr. Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro